

O ENSINO DE GEOGRAFIA: ESTUDO DE CASO DE PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO FUNDAMENTAL

Geography teaching: a case study case teaching practice in fundamental education

Enseñanza de geografía: un estudio de caso estudio práctica docente en educación fundamental



Lívia Gabriela Damião de LIMA – Graduada em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); Especialista em Geografia pela Faculdades Integradas de Cruzeiro (FIC), Mestra em Planejamento e Dinâmicas Territoriais no Semiárido. (PLANDITES), da UERN. Professora substituta na rede estadual de ensino básico e professora da rede privada de ensino básico, Pau dos Ferros, RN, Brasil. *ORCID ID:* <https://orcid.org/0000-0003-0333-0905>. *URL:* <http://lattes.cnpq.br/7444742700313194>
EMAIL: livia.gabrieladl@hotmail.com

Francisca Wigna da Silva FREITAS – Graduada em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN/Pau dos Ferros). Mestrado em Ciências Naturais (PPGCN/UERN). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Ambiente e Sociedade da UERN, Campus Assú e Fiscal de Meio Ambiente do Município de Itaú, RN, Brasil. *ORCID ID:* <https://orcid.org/0000-0003-1275-6190>. *URL:* <http://lattes.cnpq.br/5325941486381430>
EMAIL: wignagreitas@yahoo.com.br

Histórico do artigo

Recebido: 27 setembro, 2019
Aceito: 18 dezembro, 2019
Publicado: 29 dezembro, 2020

RESUMO

Ao considerar que a ciência geográfica é dinâmica, a sua discussão é latente em todas as esferas, dentre elas, a Geografia Escolar. Dentro dessa perspectiva, o objetivo deste manuscrito é apresentar um relato de experiências nas aulas de geografia do ensino básico, tendo como base a utilização de metodologias ativas. O percurso metodológico perpassa inicialmente pela construção de um referencial bibliográfico pautado em autores como, Zabala (1998), Cavalcanti (2002), Paulo Freire (1987), entre outros quem subsidiaram o debate sobre o ensino de geografia e a prática educativa do docente desta disciplina. Posteriormente é feita a explanação de uma experiência das aulas de geografia no 9º ano do ensino fundamental II, que vai corroborar com a relevância das inovações metodológicas no processo de ensino-aprendizagem na disciplina de geografia, para formação de cidadãos críticos na sociedade contemporânea.

Palavras-Chave: Ensino; Geografia; Metodologias Ativas; Prática Educativa.

ABSTRACT

Considering that geographical science is dynamic, its discussion is latent in all spheres, including school geography. Within this perspective, the objective of this manuscript is to present an account of experiences in the geography classes of elementary school, having as background the use of active methodologies. The methodological path initially permeates the construction of a bibliographic reference based on authors such as Zabala (1998), Cavalcanti (2002), Paulo Freire (1996),

among others who subsidized the debate on the teaching of geography and the educational practice of its teacher. subject. Subsequently, an experience of geography classes in the 9th grade of elementary school II is explained, which will corroborate the relevance of methodological innovations in the teaching-learning process in the geography discipline, for the formation of critical citizens in contemporary society.

Keywords: Teaching; Geography; Active Methodologies; Educational practice.

RESUMEN

Considerando que la ciencia geográfica es dinámica, su discusión está latente en todas las esferas, incluida la geografía escolar. Dentro de esta perspectiva, el objetivo de este manuscrito es presentar una descripción de las experiencias en las clases de geografía de la escuela primaria, teniendo como trasfondo el uso de metodologías activas. La ruta metodológica impregna inicialmente la construcción de una referencia bibliográfica basada en autores como Zabala (1998), Cavalcanti (2002), Paulo Freire (1996), entre otros que subsidiaron el debate sobre la enseñanza de la geografía y la práctica educativa de su maestro disciplina. Posteriormente, se explica una experiencia de clases de geografía en el noveno grado de la escuela primaria II, que corroborará la relevancia de las innovaciones metodológicas en el proceso de enseñanza-aprendizaje en la disciplina de geografía, para la formación de ciudadanos críticos en la sociedad contemporánea.

Palabras-clave: Enseñanza; Geografía; Metodologías activas; Práctica educativa.

1 INTRODUÇÃO

É constante o debate sobre a educação básica brasileira nas suas mais variadas vertentes, dentro desse cenário, é preciso discutir o processo didático-pedagógico que permeia a prática educativa na geografia escolar, haja vista as mudanças paradigmáticas do mundo contemporâneo. Ao partir desse pressuposto, compreende-se que as metodologias tradicionais estão perdendo cada vez mais espaço dentro da sala de aula, requerendo do profissional inovações na sua prática metodológica.

A Geografia escolar é relevante na formação crítica-reflexiva dos alunos, uma vez que, o saber geográfico possibilita a compreensão do mundo em que se vive, logo, o professor deve instigar a busca e a construção do conhecimento. Assim sendo, somos levados a (re) pensar a prática pedagógica do docente nas aulas de geografia para a melhoria da qualidade do ensino da referida disciplina, bem como a minimização da rejeição desta por parte dos alunos.

Nessa perspectiva, o texto aqui apresentado tem como objetivo abordar um relato de experiências das aulas de geografia com turmas de 9º ano do ensino fundamental II, sob a égide das metodologias ativas. O referido trabalho se justifica pela necessidade de larguear o debate sobre a geografia escolar no mundo hodierno, haja vista que a ciência geográfica é dinâmica, e acompanha as transformações da sociedade.

O percurso metodológico se deu a partir de pesquisa bibliográfica em autores como Martins (2011), Cavalcanti (2002) e Zabala (1998), entre outros, que oferecem subsídios teóricos sobre a prática educativa, as nuances do ensino de geografia e ainda sua relevância na formação dos alunos. Posteriormente, apresenta-se a experiência do desenvolvimento de um trabalho da referida disciplina em uma escola de ensino básico da rede privada.

O trabalho encontra-se dividido em três partes. Na primeira, apresentamos alguns elementos teóricos sobre o ensino de geografia e a seu valor em uma sociedade globalizada. Na segunda nos detemos a abordar as metodologias ativas e o papel do professor na execução destas. Por fim, expusemos a experiência na realização de um trabalho nas aulas de geografia da turma do 9º ano, em que o aluno aparece como centro do processo de ensino-aprendizagem, e o professor, por sua vez, como mediador desse procedimento.

2 ENSINO DE GEOGRAFIA: ALGUMAS ABORDAGENS TEÓRICAS

As transformações impostas pelo mundo globalizado exprimem novos anseios das sociedades modernas. Nesse cenário, aponta-se a necessidade do surgimento de uma escola que atenda a essas aspirações do mundo hodierno, ou seja, um ambiente escolar com práticas metodológicas que se adequem as essas pretensões. Sobre a superação desse método, Martins (2011, p. 66) esclarece que:

Falar do papel da escola hoje implica destacar as mudanças da sociedade ligadas às transformações e os avanços tecnológicos, científicos e nos meios de comunicação que influenciaram no mercado de trabalho, impulsionando o processo de qualificação profissional. Essa nova realidade exige que a escola repense seu papel e sua organização.

No tocante ao ensino de geografia, durante muito tempo predominou a descrição e memorização dos fenômenos da natureza, e ainda a fragmentação e dicotomia entre geografia física e humana, o que refletiu/reflete ainda hoje na atuação dos professores em sala de aula. Não obstante, não se pode negligenciar que as mudanças ocorridas no mundo contemporâneo apontam a necessidade de se repensar os paradigmas que permeiam o ensino da geografia escolar.

O ensino de geografia exige a formação de indivíduos que se posicionem criticamente na sociedade na qual está inserido, de modo que esse possa ser o

protagonista da sua história, sobre isso, Cavalcanti (2002, p.11) menciona que,

O pensar geográfico contribui para a contextualização do próprio aluno como cidadão do mundo, ao contextualizar espacialmente os fenômenos ao conhecer o mundo em que vive desde a escala local à regional, nacional e mundial. O conhecimento geográfico é, pois, indispensável à formação de indivíduos participantes da vida social, à medida que propicia o entendimento do espaço geográfico e do papel desse espaço nas práticas sociais.

A autora aponta a importância do ensino de geografia ser instrumentalizado, a partir das experiências vivenciadas pelo sujeito (o aluno), sendo então possível, dentro do processo de ensino - aprendizagem a problematização e a motivação na construção do conhecimento, haja vista a diversidade de pensamentos. Essa perspectiva metodológica proporciona o pensamento crítico do aluno, uma vez que, esse será questionado, sendo levado a confrontar as ideias e a se posicionar.

Assim métodos que proporcionem o exercício da leitura crítica e reflexiva do espaço faz-se extremamente necessário, em particular diante do contexto de um mundo globalizado, em que as constantes e rápidas modificações exigem uma postura diferenciada da escola, isto pois, já não se pode conceber que os indivíduos que frequentam essa instituição continuem a ser meros espectadores do processo de aprendizagem.

Recorremos a Martins (2011, p. 65) para afirmar que o ensino da Geografia precisa ser desenvolvido de forma que o educando possa:

Se libertar das amarras da dependência intelectual e de pensamento, encontrar a sua criatividade e imaginação, aprender a pensar a partir do diálogo com o real e com as obras culturais, se descobrir como cidadão e, conseqüentemente, agente de mudanças.

A ideia de que a educação deve ser libertadora, é apontada por Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia do Oprimido* (1996), no qual o autor aponta que a educação pode ser um instrumento de opressão, caso o docente se enxergue como o dono do saber, não possibilitando aos educandos a participação na construção do conhecimento. Não obstante, a educação se torna libertadora a partir do momento que leva o aluno a refletir e problematizar o meio em que se encontra inserido. Para o autor,

[...] a educação libertadora, problematizadora, já não pode ser o ato de depositar, ou de narrar, ou de transferir, ou de transmitir “conhecimentos” e valores aos educandos, meros pacientes, à maneira da educação “bancária”, mas um ato cognoscente. [...] (FREIRE, 1987, p. 68).

Nesse contexto, o que o autor denomina de educação bancária deixa de existir, abrindo espaço para uma educação que subsidia a capacidade de pensar e interagir, de modo que a sala de aula não seja apenas um ambiente de transmissão de conhecimentos.

Assim sendo, coloca-se em foco a utilização de metodologias no qual o aluno é o centro do processo de ensino aprendizagem, este, enquanto sujeito ativo na construção do conhecimento, sendo o professor apenas mediador deste.

3 A PRÁTICA EDUCATIVA: O USO DE METODOLOGIAS ATIVAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA GEOGRAFIA ESCOLAR

Cabe iniciarmos conceituando prática educativa, uma vez que, está mantêm relação direta com o processo ensino- aprendizagem. De acordo com Lima; Sergio; Souza (2012, p. 7),

A prática pedagógica configura-se como uma ação processual, coletiva, individual e interdisciplinar que exige dos sujeitos princípios, organização, conteúdos e diferentes abordagens no fenômeno educativo.

Assim sendo, compreendemos aqui que a prática educativa deve estabelecer, esquematizar, e avaliar suas ações cotidianas, considerando a sua tarefa e o desenvolvimento dos alunos. A prática docente pode, em muitos casos, contemplar atividades distintas que algumas vezes transcendem os limites da sala de aula. Ensinar e aprender abrange personagens que podem ser influenciados em sua dinâmica de afinidades por diversos fatores que permitem colaborar ou não para a criação de oportunidades de aprendizagem. Para Zabala (1998, p. 16),

A intervenção pedagógica exige situar-se num modelo em que a aula se configura como um microssistema definido por determinados espaços, uma organização social, certas relações interativas, uma forma de distribuir o tempo, um determinado uso dos recursos didáticos, onde os processos educativos se explicam como elementos estreitamente integrados neste sistema.

Os procedimentos de ensino são relevantes na prática educativa, logo, se referem às formas de intervenção na sala de aula, como por exemplo, o currículo, o planejamento e a avaliação dos processos educacionais. Portanto, destacasse a aprendizagem como um processo dinâmico, dessa forma essa só ocorre quando o aluno realiza algum tipo de

atividade.

Os procedimentos de ensino devem, portanto, contribuir para que o aluno mobilize seus esquemas operatórios de pensamento e participe ativamente das experiências de aprendizagem, observando, lendo, escrevendo, experimentando, propondo hipóteses, solucionando problemas, comparando, classificando, ordenando, analisando, sintetizando, etc. (HAYDT, 2000, p. 144).

A aprendizagem ocorre quando o aluno participa ativamente do processo de reconstrução do conhecimento, ao aplicar seus conhecimentos empíricos aos conteúdos estudados. Com o processo de mudanças desencadeado a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (9394/96), resultante em parte da evolução e ampliação do conhecimento sistematizado, vem sendo assinalada à necessidade da educação escolar trabalhar com conteúdos e recursos que qualifiquem o cidadão para a vida na sociedade, em particular para integrar as relações modernas apoiadas na utilização da tecnologia (BRASIL, 2003).

Nessa perspectiva, coloca-se em foco a importância das metodologias utilizadas em sala de aula, uma vez que, estas devem favorecer a expressividade, a participação, e a criatividade nos diversos contextos. Assim, compreende-se que o Conhecimento progride pela sofisticação, formalização ou pela abstração, mas, principalmente pela capacidade de integrá-lo em seu contexto local e global (BRASIL, 2016).

Assim, abordar os conhecimentos desenvolvidos na ciência geográfica na educação básica, pode ser desafiador, uma vez que, “além de dominar conteúdos, é importante que o professor desenvolva a capacidade de utilizá-los como instrumentos para desvendar e compreender a realidade do mundo, dando sentido e significado à aprendizagem” (PONTUSCHKA, 2007, p. 97).

Não é recente o debate sobre a necessidade de renovação das práticas de ensino de Geografia. Pontuschka (2007) nos explana que “os estudantes hoje em dia desejam ser protagonistas de suas histórias e o seu anseio é que se pense em um ensino capaz de formar sujeitos críticos, criativos, flexíveis e reflexivos”. Nota-se o distanciamento entre o que a autora nos propõe e a realidade no ambiente escolar, o descompasso entre as exigências do mundo contemporâneo e o ensino que é ofertado.

O predomínio de uma abordagem tradicional desvinculada dos objetivos de aprendizagem, amiúde tem atribuído à Geografia escolar um rótulo nada agradável: o de disciplina mnemônica, sem utilidade. Contudo, cabe destacar, que “o Ensino de Geografia

não tem sido pensado a partir da centralidade da fala do aluno e exige considerarmos interfaces e aproximações de campos teóricos e metodológicos diversos” (FIOCCO, 2017, p.21).

Assim sendo, chama-se atenção para a utilização das metodologias ativas. Vale ressaltar que o uso de referidas metodologias não se caracteriza como algo novo, segundo Abreu (2009), o primeiro indício dos métodos ativos aparece na obra Emílio de Jean Jacques Rousseau (1712-1778), tido como o primeiro tratado sobre filosofia e educação do mundo ocidental, e na qual, a experiência assume destaque em detrimento da teoria.

As metodologias ativas surgem como contraponto ao método tradicional de ensino, de modo que os alunos deixam de ser sujeitos passivos, apenas receptores da teoria, tornando-se ativos no processo de ensino aprendizagem, haja vista que seus saberes são valorizados e ponto de partida na construção do conhecimento.

Em se tratando do ensino de Geografia essa superação dos métodos tradicionais é fundamental para que os estudantes percebam a relevância desse conhecimento para compreender os fenômenos geográficos no contexto do mundo globalizado atual. O ensino dessa ciência deve permitir ao aluno descobrir o mundo em que vive atentando para uma abordagem crítica das questões ambientais e as relações sociedade/natureza, realizar estudos do meio a fim de que o conteúdo ensinado não se restrinja ao teórico, mas abarque o real, o cotidiano das pessoas (MARTINS 2011).

De acordo com o autor, é necessária uma mudança na prática do ensino da Geografia, mudança essa que leve os alunos a pensarem sobre o seu papel na sociedade, conseguindo um posicionamento crítico diante dos problemas sociais. Nesse contexto, as metodologias ativas podem auxiliar o professor de Geografia nessa perspectiva, tais como: aula de campo, o seminário, o debate, a roda de leitura e posterior discussão entre os alunos e professores.

Metodologias que permitam haver um diálogo entre o aluno, o professor e o tema, até a aula expositiva por vezes criticada, se for acompanhada de um diálogo, constitui-se em uma metodologia de ensino que cria um espaço propício para a exposição de ideias e pensamentos.

A figura abaixo (figura 01) apresenta os princípios das metodologias ativas elaborada por Diesel; Baldez; Martins (2017).

Figura 01 – Princípios que constituem as metodologias ativas de ensino

Fonte: Diesel; Baldez; Martins, 2017.

Para os autores, as metodologias ativas funcionam “como uma possibilidade de ativar o aprendizado dos estudantes, colocando-os no centro do processo”. O aluno enquanto agente ativo do processo de ensino-aprendizagem é uma característica das metodologias ativas, uma vez que, permite que esta tenha autonomia na construção do conhecimento. Nessa perspectiva, a geografia escolar possibilita ao aluno compreender o espaço produzido pela sociedade, mas também, entender-se como produtor desta.

Já o professor, este passa a ocupar o papel de mediador dos conhecimentos diante dos alunos. Nessa perspectiva, inicia-se a busca por métodos de ensino que minimizem os entraves existentes no contexto educacional.

Na Geografia isso é evidente a partir do momento em que os métodos convencionais já não correspondem às necessidades apresentadas pelo corpo estudantil. Para acompanhar a velocidade das transformações, é necessário que o profissional busque aprimorar suas técnicas de ensino, ao incentivar o aluno pelo desenvolvimento do conhecimento.

A Geografia escolar por ter um arcabouço teórico e metodológico amplo, cabe ao docente utilizar-se deste para ensiná-la. Para essa atuação exigida do profissional de hoje, não se pode relevar as modificações que estão sendo inseridas nas práticas de ensino, ou seja, o desempenho do profissional deve superar a restrição da sala de aula, bem como o

ensino tradicional.

Entende-se aqui por ensino tradicional, um ensino sem alterações, posto como definitivo, onde não há problematização dos acontecimentos, sendo o aluno um mero receptor de informações.

O professor deve estar atento ao desenvolvimento do aluno na sala de aula, pois, este não se dá apenas em sua dimensão intelectual, mas, também em extensões afetivas, social, física e moral. O docente deve ter em mente que o conhecimento é construído, que ele apenas auxilia o aluno nessa construção.

4 O ENSINO DE GEOGRAFIA NAS TURMAS DE 9º ANO: UM RELATO DE PRÁTICA DOCENTE

Ao compreender que a vivência escolar é uma ocasião excepcional na construção da cidadania, o conhecimento de ser produzido de modo que o aluno compreenda a realidade de um mundo complexo e superlotado de adversidades. Assim, o ensino deve ser pensado/planejado de modo a proporcionar aos educandos uma consciência global sobre demandas que permeiam a sociedade contemporânea, logo, a Geografia torna-se instrumento relevante nesse processo.

Nesse contexto, coloca-se em evidência a realização de um trabalho sobre o continente africano com duas turmas de 9º ano do Colégio e Curso Evolução, localizado na cidade de Pau dos Ferros, no Rio Grande do Norte (Figura 02).

A referida escola possui um total de 600 alunos, distribuídos da educação infantil ao ensino médio, advindos de 13 municípios da região do Alto Oeste potiguar, tais como: Pau dos Ferros, Marcelino Vieira, Alexandria, Encanto, Agua Nova, José da Penha, Martins, Pilões, Itaú e São Francisco do Oeste, bem como de estados vizinhos como o Ceará, abarcando o município de Erere.

Com o objetivo apresentar uma África que a mídia não mostra, ou seja, o que o continente tem de potencialidades, e ainda a influência deste na cultura brasileira, a opção pelo conteúdo se deu a partir da proposta curricular apresentada no material didático, ao apresentar o continente em foco, baseando-se apenas na descrição de suas características geográficas físicas, e no seu processo histórico geográfico de exploração por parte das grandes potências mundiais.

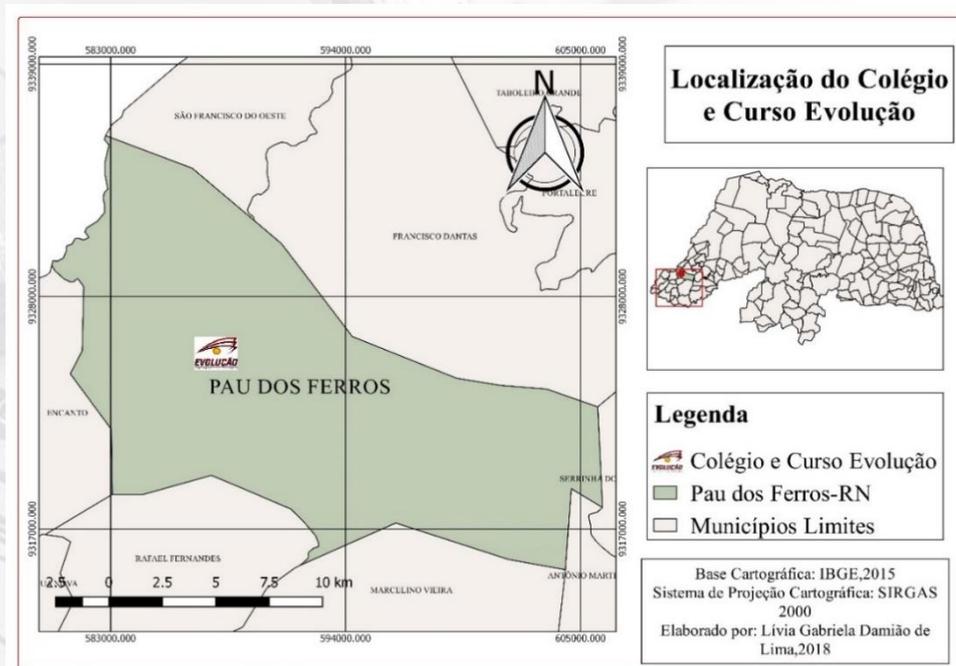
É válido salientar que antes da culminância do trabalho, houveram aulas expositivas e dialogadas sobre o assunto, de modo que os alunos puderam se apropriar do

referido conteúdo, e posicionar-se sobre tal, haja vista se identificarem como seres sociais e críticos da sociedade hodierna, assim como propõe o ensino de geografia.

Durante o desenvolvimento do trabalho, ocorreram encontros em contra turno com a professora da disciplina no intento de organização e de tomada de decisões com relação a apresentação, como por exemplo, que músicas usar e em qual momento, seleção de material para decoração entre outras pendências que por ventura surgissem.

As duas turmas de 9º ano I e 9º ano II, apresentam um quantitativo de 49 alunos, que divididos em vários grupos, explanaram a diversidade africana por meio da dança, da música, da religiosidade, da mitologia, e ainda o processo de colonização e exploração.

Figura 02 – Localização do Colégio e Curso Evolução



Fonte: IBGE, 2015. Elaborado por: Livia Gabriela Damiao de Lima, 2018.

Por serem duas turmas, as apresentações ocorram em momentos distintos, 9º ano I, 31/08/2018 e 9º ano II, 16/09/2018; os alunos tiveram autonomia, um dos princípios das metodologias ativas, na produção de toda a estrutura do trabalho, a começar pelo título da apresentação. A turma do 9º ano I nomeou sua apresentação como, “Espetáculo Africano” já o 9º ano II, denominou a apresentação como, “África: Um continente de riquezas”.

Ambas as turmas fizeram uma exposição similar, no sentido de sua estrutura. As apresentações ocorreram em sala temática, preparada pelos alunos (Figura 03, 04 e 05), com imagens e objetos que remetem às características africanas. Os alunos, bem como a

professora, utilizaram um figurino caracterizado com o tema, com tons coloridas e estampadas, assim como, turbantes e entre outros acessórios.

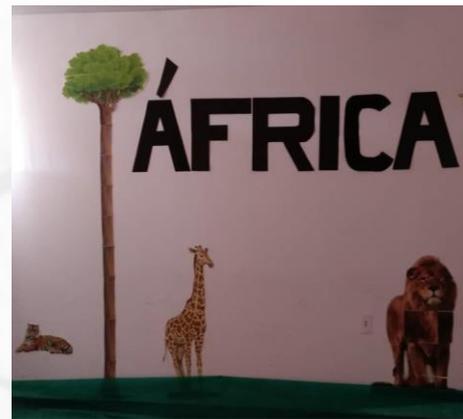
Cabe destacar, que os grupos se apresentaram divididos, mas esta não ficou evidente, pois os alunos fizeram suas falas conjugadas como um único grupo, ou seja, a apresentação ocorreu como em formato de apresentação cultural, de modo que a apresentação se tornou dinâmica.

Figura 03 - Decoração da sala temática



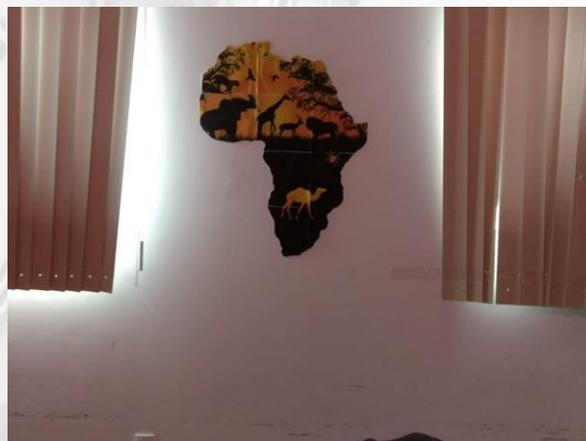
Fonte: Acervo Pessoal, 2018.

Figura 04 - Decoração da sala.



Fonte: Acervo Pessoal, 2018.

Figura 05 - Decoração da sala temática



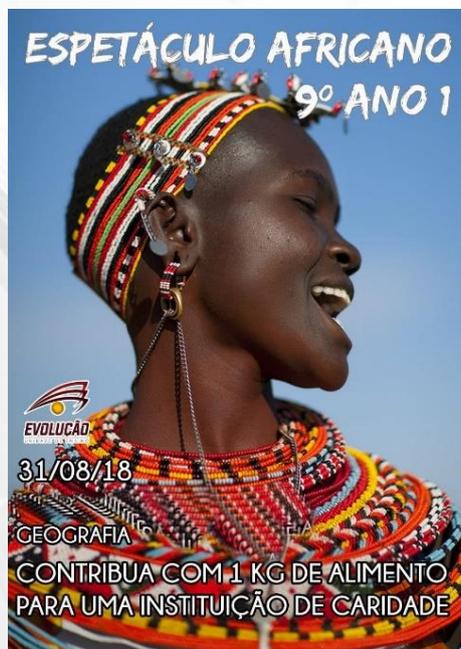
Fonte: Acervo Pessoal, 2018.

Um elemento que proporcionou dinamicidade as exposições foi a intercalação com a música e outras apresentações culturais. As referidas apresentações foram realizadas pelos alunos, apoiados na criatividade e talento individual desses. Assim, a apresentação seguiu um roteiro, mas cada turma utilizou um, fazendo com que as duas apresentasse suas particularidades.

A turma do 9º ano I realizou uma divulgação do trabalho na escola, por meio da

fixação de cartazes (figura 06), no intuito de conseguir público, haja vista que o “ingresso¹” foi um quilo (Kg) de alimento para formação de cestas básicas para doação.

Figura 06 - Cartaz de divulgação do trabalho do 9º ano I



Fonte: Acervo pessoal da professora, 2018.

A referida turma contou com a participação de 3 (três) musicistas da Escola Estadual de tempo Integral José Fernandes de Melo, e de alguns membros de um grupo de capoeira também localizados no município de Pau dos Ferros – RN, assim como, duas alunas da turma foram responsáveis por cantar as músicas durante a apresentação.

A explanação da turma inicia-se com a recepção das demais turmas da escola que foram convidadas a assistir, com a aluna cantando a música “Eu sou Neguinha” da cantora Vanessa da Mata. Em seguida, a professora realizou uma breve “abertura” das falas (a pedido da turma), ao demonstrar a relevância do continente, assim como, convidar os presentes a conhecerem um outro lado da África.

Posteriormente iniciam-se as falas, e após cada tema abordado, uma música era cantada. No tema, referente a dança, os alunos discorrem sobre tal e fizeram a coreografia de uma dança africana, e em seguida demonstraram as referências e a influência que o Brasil recebe do continente em seus mais diversos aspectos.

A apresentação da turma é encerrada com a apresentação do grupo de capoeira e

¹ Forma simbólica para arrecadação de alimentos.

a leitura de um cordel elaborado por alguns alunos, elucidando todo conteúdo visto durante as aulas e na explanação do trabalho. Destaca-se que a turma fez a entrega dos alimentos arrecadados nas inscrições para a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) do município de Pau dos Ferros-RN. O município conta com outras instituições voltadas para ações filantrópicas, todavia, a turma decidiu pela APAE, por ser uma das mais atuantes.

No que se refere a apresentação do 9º ano II, a turma iniciou com uma explanação do processo histórico de colonização e exploração do continente, no intento de mostrar a priori o quanto a África foi e é marginalizada, e a importância de valorização da sua cultura. A turma também fez uma seleção musical que faz referência ao continente em foco e a sua influência no Brasil. As músicas foram cantadas e interpretadas (coreografia) pelas alunas da referida turma.

Além das músicas, algumas apresentações curtas de capoeira intercalaram as falas e chamaram a atenção do público. Ao final das explanações, houve uma apresentação de roda de capoeira, mais longa, esta composta por alunos da turma e ainda de outras turmas da própria escola. Somado a isso, os alunos elaboram um poema como forma de consolidação de todo tema abordado que foi entregue a todos os presentes.

Logo após a apresentação, ambas as turmas foram questionadas sobre a relevância do trabalho no que se refere a aprendizagem e a sua formação enquanto agentes sociais transformadores e produtores da sociedade, sendo este de forma positiva pelos alunos. Esses pontuaram que a proposta acima elucidada contribuiu para sua formação, de modo que os levou a refletir sobre as condições socioeconômicas e, espaciais, políticas e culturais de maneira mais crítica do tema trabalhado.

Nesse contexto, lembramos Santos (1987), que aborda a importância do ensino de geografia na formação cidadã do aluno,

A educação deveria prover todas as pessoas com os meios adequados para que sejam capazes de absorver e criticar a informação, recusando os seus vieses, reclamando contra a sua fragmentação, exigindo que o noticiário de cada dia não interrompa a sequência dos eventos, de modo que o filme do mundo esteja ao alcance de todos os homens. O morador-cidadão, e não o proprietário consumidor veria a cidade como um todo, pedindo que a façam evoluir segundo um plano global e uma lista correspondente de prioridades, em vez de se tornar o egoísta local, defensor de interesses de bairro ou de rua, mais condizentes com o direito fetichista da propriedade que com a dignidade de viver. O leitor teria sua individualidade liberada, para reclamar que, primeiro, o reconheçam como cidadão. (SANTOS, 1987, p. 128-129).

Logo, o ensino de geografia proporciona ao aluno possibilidades de análise e questionamentos acerca do mundo no qual está inserido, por isso necessita considerar seus diferentes significados e as formulações.

Os alunos apontaram ainda que durante todo o processo de elaboração e concretização do trabalho, se mantiveram empolgados, haja vista que saíram das aulas tradicionais e foram colocados para produzir pesquisa e conhecimento sobre o tema proposto. Assim, é possível observar que o professor assume o papel de mediador do conhecimento no processo de ensino-aprendizagem, ao propor a aplicação de metodologias ativas, no qual, o aluno é visto como o centro desse processo, discutindo e trabalhando a autonomia para refletir, trabalhar em equipe e construir conhecimento.

Diante de todo o exposto, cabe evidenciar que a geografia vai muito além das descrições das características físicas e da localização dos espaços. Compete a geografia analisar e problematizar ainda, os indicadores socioeconômicos, e seus reflexos no contexto geopolítico, no intuito de compreender, por exemplo, o porquê das permanências e ausências da atuação de políticas públicas efetivas para mudança do quadro de um continente fragilizado.

5 CONCLUSÃO

É fato que a geografia escolar deve acompanhar as transformações do mundo hodierno, de modo que a celeridade das informações faz com que o papel do professor se modifique dentro da sala de aula na perspectiva de atender aos anseios da nova geração de alunos que estão chegando no ambiente escolar.

As metodologias ativas aparecem como instrumento basilar nessa mudança metodológica que os profissionais não só da geografia, mas da educação como um todo devem passar. Assim sendo, na geografia não há mais espaço para meras descrições, o aluno precisa ser instigado a refletir sobre a produção do espaço geográfico e, entender-se como agente produtor e modificador deste.

Neste cenário a experiência que se desdobrou neste relato teve como finalidade expor reflexões sobre a prática educativa do profissional da geografia na educação básica, pautado no uso de metodologias diferenciadas, em que o aluno seja ponto de partida no processo de ensino aprendizagem, proporcionando a construção do conhecimento e não apenas uma “educação bancária” como afirma Paulo Freire (1987).

Dessa forma, durante todo o desenvolvimento do trabalho, os alunos estiveram envolvidos na elaboração de todo o material necessário, fosse ele pesquisa, ou outro que fosse fundamental no momento de concretização da apresentação. A possibilidade que lhes foi dada de serem foco da situação proposta, os instigou a produzir e apresentarem o melhor de si, e ainda ser um instrumento facilitador da aprendizagem.

Portanto é notório que o uso dos métodos tradicionais de ensino, por si só não correspondem mais as expectativas dos educandos, requerendo do docente aperfeiçoamento metodológico para ministrar as aulas de geografia, e ainda retirar os estereótipos de que Geografia escolar não passa de descrições dos fenômenos e elementos da natureza.

REFERÊNCIAS

ABREU, J. R. P. **Contexto Atual do Ensino Médico: Metodologias Tradicionais e Ativas - Necessidades Pedagógicas dos Professores e da Estrutura das Escolas.** 2011. 105f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde) -Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Proposta preliminar, segunda versão, revista. 2016. Disponível em: < basenacionalcomum.mec.br>. Acesso em: 05 nov. 2018.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia e prática de ensino.** Goiânia: Alternativa, 2002.

DIESEL, A; BALDEZ, A. L. S; MARTINS, S. N. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. IN: **Revista Thema.** Volume 14, nº 1 pág. 268 a 288.

UNIVATES - Centro Universitário Centro Universitário Univates, Lajeado/RS – Brasil. 2017. Disponível em:

<http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/viewFile/404/295>> Acesso em: 29 dez. 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** São Paulo: Paz e Terra. 1987.

HAYDT, R. C. C. **Curso de Didática Geral.** São Paulo, Ática. 2000.

LIMA; R. C; SÉRGIO, M. C.; SOUZA, A. C. A Prática Docente Do Professor da Educação Infantil: Contribuições para o Desenvolvimento das Crianças. IN: **Revista e-curriculum.** v. 8 n.1 abril 2012. Disponível em: < <file:///C:/Users/livia/Downloads/9032-22185-1-SM.pdf> > Acesso em: 10 de jan. 2019.

MARTINS, R. E. M. W. A trajetória da Geografia e seu ensino no século XXI. In: TONINI, Ivaine Maria et al (orgs). **O ensino de Geografia e suas composições curriculares.** Porto Alegre: UFRGS, 2011.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T.; CACETE, N. H. **Para Ensinar e Aprender Geografia**. São Paulo. Cortez: 2007.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
